

## **HOMO ZAPPIENS: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA NOVA INFÂNCIA NA SOCIEDADE DIGITAL**

**Luiz Carlos Carvalho de Oliveira  
(Coordenador do Grupo)  
José Ribamar de Brito Sousa  
Ana Rosa Sudário**

### **RESUMO**

A temática deste trabalho trata das Representações Sociais da Nova Infância. Seu objetivo é refletir sobre os diferentes sentidos presentes nas falas de crianças de escolas públicas e particulares no que se refere à construção das representações sociais das próprias crianças, particularizando-as na busca do perfil da “nova infância”. Em específico, pretende-se perceber os diferentes significados que emergem da fala das crianças sobre a infância. Dessa forma, pode-se afirmar a criação de um perfil constituinte de uma nova infância como instrumento de identificação das apreensões socialmente construídas daqueles que vivem a nova infância. Essa geração, que chamamos de “homo zappiens”, está ingressando em nosso sistema educacional. Nesta pesquisa, pretende-se redefinir o universo da infância, a partir das representações sociais das crianças acerca da socialização com as novas tecnologias. Neste estudo, as representações são encontradas nos saberes que os sujeitos expressam individualmente nos espaços de interação social. Esta pesquisa se propõe a compreender as significações que tais representações carregam, por meio das respostas das crianças pesquisadas. A abordagem metodológica deste estudo é de caráter qualitativo e visa compreender a representação social de crianças que atuam, em nível de ensino fundamental, na rede pública e particular da cidade de Teresina/PI. Utiliza-se a Teoria das Representações Sociais como suporte teórico para conhecer olhar do aluno (a) sobre a “nova infância”, onde o pesquisador cria uma metodologia própria a partir da consideração dos dados e das pistas metodológicas deste referencial teórico. Foi necessário isolar os dados em agrupamentos, para efetuar a posterior categorização. Desses agrupamentos, extraímos quatro categorias que se encontram ancoradas em: infância é tempo de brincar, as brincadeiras tradicionais, brincar no computador e utilizar a Internet. Os dados evidenciaram trajetórias de uma infância ainda marcada fortemente por elementos da infância tradicional. Ou seja, uma infância ainda constituída pelas práticas da tradição de um tempo de brincadeiras e um tempo de contraposição à vida adulta. Notamos, no conjunto dos dados, uma construção social que relaciona a permanência de um núcleo vivo da infância, onde podemos perceber que, mesmo modificadas, as brincadeiras ainda fazem parte do imaginário e do desenvolvimento infantil, além de promoverem interações e sociabilidades na “nova infância”.

Palavras-chave: Representações Sociais – Nova Infância – Criança - Socialização.

## 1. Introdução

À primeira vista, eles são muito parecidos com as crianças da sociedade industrial, da modernidade, modelo que domina a sociedade a cerca de 200 anos. As necessidades básicas, pelo menos, são as mesmas. Mas há um aspecto que os torna quase uma nova espécie: a comunicação entre si e com o mundo. É o “homo zappiens”<sup>1</sup>, a geração que já nasceu com o computador, internet e toda sorte de dispositivos que podem ser controlados a distância com alguns toques de dedos.

Com a idade de 10 anos em média, eles ainda dependem dos pais para a maior parte das coisas, seja comprar um tênis novo ou sair com os amigos no fim de semana. Mas em poucos anos, observam alguns especialistas, eles serão maioria e agirão segundo os próprios hábitos. Só aí é que sua força será percebida plenamente. A pergunta que todos fazem é: que tipo de sociedade será essa?

Entre os educadores, uma das principais preocupações é a suposta falta de comunicação da tribo dos “homo zappiens”. Se as gerações anteriores de crianças costumavam ficar horas na porta da escola, matando tempo depois das aulas, as atuais correm para casa. Mas, assim que chegam, ligam o computador ou acionam o celular para trocar mensagens entre si. É uma geração de crianças que viveu uma infância confinada, repleta de medos de sair de casa. Por conta da violência, tem carência de liberdade e desenvolveram uma relação estreita com a tecnologia. Esse novo modo de viver, embora esconda riscos como qualquer outro, não pode ser encarado como necessariamente ruim. Isso faz parte de uma nova infância.

---

<sup>1</sup> A lógica da época atual gera a criança zapping; que pula de uma imagem para outra, corta, dispõe imagens simultaneamente. O controle remoto lhes confere poder, basta apertar um botão e a imagem muda.

Esta pesquisa busca refletir sobre a geração que nasceu com um mouse nas mãos, que descobriram o mundo por meio de uma grande variedade de canais de televisão, jogos de computador, iPods, sites, blogs e telefones celulares, e explora as implicações do comportamento delas para a Educação e para a constituição de um novo perfil de infância. Essa geração, que chamamos de “homo zappiens”, está ingressando em nosso sistema educacional.

Nesse sentido, é relevante porque busca oferecer uma visão sobre como a sociedade está mudando o perfil da infância, constituindo uma nova infância, pretendendo mostrar o potencial que há na nova infância sob a sociedade digital, diferenciando as práticas com que estamos acostumados.

Portanto, como é que essa geração age e como ela desenvolve seu comportamento? Como interpretar o uso que as crianças fazem da tecnologia? Até que ponto a tecnologia pode ajudar as crianças a se tornarem melhores aprendizes? Como repensar a infância e seus problemas na complexidade do mundo atual?

Com isso, esta pesquisa empreende uma discussão sobre o perfil da nova infância e o otimismo que celebra a autonomia das novas gerações. O que deve ficar claro de antemão é que a idéia de infância é uma construção social, que assume diferentes formas em diferentes contextos históricos, sociais e culturais.

A história da infância é uma história de suas representações sociais. Até que ponto pode-se ver as representações sociais da infância como reflexos da realidade da vida das crianças? É creditado ao teórico Phillippe Áries (1981) a “invenção da infância”.

Da mesma forma, pode-se atualmente traçar um perfil das representações sociais da infância em anúncios, fotografias e outros espaços da mídia. Mas, a presente pesquisa pretende efetuar entrevistas com crianças que estejam cursando a 5ª série do ensino

fundamental, o que irá permitir identificar as representações sociais a partir da análise do conteúdo das entrevistas.

Nessa perspectiva, a análise de representações sociais pode se constituir como um avanço e um valioso instrumento de identificação das apreensões socialmente construídas daqueles que vivem a nova infância. Sabe-se que as representações sociais são elementos simbólicos que as pessoas expressam mediante o uso de palavras. Fazendo uso da linguagem oral, se explicita o que se pensa, como se percebe esta ou aquela situação, que opinião se formula acerca de determinado fato ou objeto, que expectativas se desenvolvem a respeito disto ou daquilo (FRANCO E NOVAES, 2001)

## **2. As perspectivas de socialização da “nova infância”**

Diante dos fundamentos articulados, uma série de questões vai surgindo na busca de compreender de que forma as representações sociais das crianças atuam na formação do perfil da “nova infância”.

O que as crianças fazem e o que pensam é o resultado da interação com o que está ao seu redor, o mundo externo. E desde muito cedo – já que o mundo lhes chega por meio da televisão, do telefone e da internet – a influência é importante. Mais importante ainda porque o mundo está mudando rapidamente por meio dos efeitos revolucionários das novas tecnologias (VEEN, WIM & VRAKKING, BEN, 2009).

Portanto, como é que essa geração age e como ela desenvolve seu comportamento? Como interpretar o uso que as crianças fazem da tecnologia? Até que ponto a tecnologia pode ajudar as crianças a se tornarem melhores aprendizes no processo educacional? Como repensar a infância e seus problemas na complexidade do mundo atual?

Uma das grandes preocupações que se apresentam diante dos educadores é a questão de que o uso indiscriminado das mídias digitais consuma a infância como experiência

corporal, lúdica – fazendo com que ela exista apenas na televisão, nos computadores, nos videogames, na roupa da moda – que o mundo adulto prepara para as crianças (LEVIN, 2007)

Assim, nesta pesquisa, pretende-se redefinir o universo da infância, a partir das representações sociais das crianças acerca da socialização com as novas tecnologias, tornando-se necessário repensar a cultura da infância. Portanto, qual a função da infância na época atual? Como se insere a criança nesse contexto?

Postman (1999) defende que constitui-se um ambiente informacional contemporâneo diferente do centrado na lógica linear e clara da leitura<sup>2</sup>, ambiente esse que permitiu a constituição dessa hierarquia entre adultos e crianças. Este ambiente informacional é imagético e a comunicação é para todos. Assim, vivemos a transformação da transmissão da informação. Da informação escrita para a informação por imagens<sup>3</sup>, destruindo a distinção moderna da competência de leitura. Com isso, uniformizou-se a competência para receber a informação. Crianças e adultos tem acesso a qualquer coisa. Daí, o referido teórico passa a especular que a infância corre o risco de desaparecer.

Essa mudança social está redefinindo o que convencionamos denominar de “humano”. Vários estudos como os de Sabilia (2002) e Friedman (2000) já incorporam a categoria do “pós-humano”<sup>4</sup>, como resultado de uma nova socialização com as novas tecnologias da informação e do virtual. Essas constatações apontam na direção de um

---

<sup>2</sup> Para este teórico a infância é uma invenção da Renascença, criada pela prensa tipográfica. O mundo passa a ser dividido entre aqueles que aprenderam e aqueles que não aprenderam a ler. A imprensa criou uma nova definição de idade adulta baseada na competência da leitura. A competência da leitura separou adultos de crianças. A noção de educação passou a ser tema importante, as escolas organizaram-se e, por fim, notou-se que as crianças não deveriam estar sob as mesmas influências dos adultos.

<sup>3</sup> Constitui-se uma das características centrais do que se convencionou denominar de pós-modernidade, com grande influência sobre o processo educacional e sobre a formação dos novos sujeitos, onde as imagens comunicam mais do que os textos

<sup>4</sup> Muitos teóricos já apontam o fim do humano e o nascimento do pós-humano e o nascimento do pós-humano à medida que os corpos orgânicos confluem com a tecnologia (NOVAES, 2003).

questionamento: em que proporção as mudanças sociais na socialização na sociedade digital, atingem e modificam as crianças?

Nessas horas, quantos educadores não se reportam à própria infância para constatar que, em nosso tempo, as crianças eram diferentes? O mais comum é atribuir-se ao avanço da tecnologia ou acesso aos meios de comunicação tais respostas, considerando, aqui e ali, suas vantagens e desvantagens. Mas a infância estaria, de fato, desaparecendo? Caso se responda sim a essa pergunta, como as crianças de hoje poderiam ser representadas?

Nessa perspectiva, a base de investigação e análise desta pesquisa se encontra apoiada na construção das representações sociais das próprias crianças, particularizando-as na busca do perfil da “nova infância”.

### **3. A contribuição teórica das representações sociais**

Na sociedade, as representações sociais acontecem de forma dinâmica, no movimento de interação entre sujeitos, na cultura onde estão inseridos. A partir da inserção no todo social, os sujeitos constroem suas representações que tem uma finalidade prática e são usadas para construir uma realidade.

Nesse sentido, as representações sociais são responsáveis por comportamentos e atitudes dos indivíduos na coletividade, sofrendo mudanças a partir do convívio em situações vivenciadas no grupo.

Esta premissa está posta na teoria pioneira desenvolvida por Moscovici (1978) onde as representações produzem realidades a partir do senso comum, onde elas são incorporadas e sustentadas pelas influências da interação entre sujeitos na vida social.

Moscovici (1978) defende que toda representação é composta de figuras e de expressões socializadas. Nesse sentido, uma representação social é a organização de imagens e linguagens, pois, ela realça e simboliza fatos e atos que se tornam comuns

considerando o contexto de valores, onde se insere o sujeito pesquisado, determinando comportamentos e atribuindo significados às respostas a serem dadas por esse mesmo sujeito.

Franco e Varlotta (2004), concordando com Moscovici, afirmam que as representações sociais são elaborações que os sujeitos constroem, desenvolvem e elaboram no meio social de forma subjetiva sobre determinado fato ou objeto, que se consolida em seus significados e sentidos. No cerne deste conceito já existe uma perspectiva proposta por Jodelet (2001), pesquisadora que articulou a teoria moscoviciano no Brasil, que reconhece a dificuldade em conceituar representações sociais. Produz, então, o seguinte conceito, “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade como a um conjunto social” (JODELET, 2001).

É no contexto social de todas as formas de socialização da criança que as representações efetivam-se, ou seja, é na dinâmica da relação entre sujeito-objeto inseridos em um contexto social que constroem, reelaboram opiniões e conceitos de acordo com a história de vida de cada uma.

#### **4. Metodologia**

A abordagem metodológica deste estudo é de caráter qualitativo e visa compreender a representação social de crianças que atuam, em nível de ensino fundamental, na rede pública e particular da cidade de Teresina/PI. Utiliza-se a Teoria das Representações Sociais como suporte teórico para conhecer olhar do aluno (a) sobre a “nova infância”,

onde o pesquisador cria uma metodologia própria a partir da consideração dos dados e das pistas metodológicas deste referencial teórico.

Segundo Jodelet (2001), a representação social “é sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito). As características do sujeito e do objeto nela se manifestam”. A representação social tem como seu objeto uma relação de simbolização, substituindo-o, e de interpretação, conferindo-lhe significações.

Para a obtenção do material empírico, utilizou-se o recurso metodológico da entrevista semi-estruturada, valorizando a presença do investigador, oferecendo todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias na investigação (Triviños,1987). A opção de trabalhar com alunos da 5ª. Série do ensino fundamental justifica-se pelo fato de que na fase aqui estudada – a infância – marca o último estágio antes de se nomearem pré-adolescentes. Serão entrevistados 60 aluno(a)s (30 de escolas públicas e 30 de escolas privadas), até para perceber as diferenças na disseminação do perfil da “nova infância” entre os dois sistemas escolares. Julga-se ser essa amostra suficiente para validar os achados da pesquisa.

Ao falar, os informantes (as crianças) se significam e significam o próprio mundo, fazendo com que a realidade se constitua nos sentidos praticados pelos sujeitos. Assim, as falas das crianças permitem inferir suas concepções de mundo e, também, deduzir sua orientação para a ação.

Conhecendo as representações sociais construídas pelas crianças é possível compreender o mundo dessas crianças, bem como suas concepções, valores e construções simbólicas nas quais suas práticas sociais estão ancoradas na sociedade digital.

## **5. Análise e discussão dos dados**



Tendo em vista que esta investigação buscou uma ênfase no perfil da infância e na subjetividade pertinente a esta fase de desenvolvimento humano, fez-se a opção pelo desenvolvimento da pesquisa numa abordagem qualitativa a partir de entrevistas com crianças. A partir dos dados coletados, procedeu-se uma análise minuciosa à luz da análise do discurso, da qual foram retiradas categorias que dizem respeito às representações das crianças, sujeitos da pesquisa.

De posse dos dados analisados, organizados de acordo com as considerações de Bardin (1977), foram agrupadas as categorias descritivas das entrevistas, as quais materializam e comunicam as representações sociais. Como resultado, foi possível conhecer as representações sociais da “nova infância”, que se encontram ancoradas em: infância é tempo de brincar, as brincadeiras tradicionais, brincar no computador e utilizar a Internet.

A primeira categoria a ser objetivada nas representações sociais das crianças foi: a infância é tempo de brincar. Na grande maioria das entrevistas, os sujeitos já surpreenderam com forte posicionamento da infância como um tempo em contraposição à vida adulta. Para as crianças, ser criança é ser o contrário do adulto, onde criança brinca, adulto trabalha. Esta representação foi coincidente tanto para crianças das escolas públicas quanto das escolas particulares.

Nessa categoria foram reunidas aquelas mensagens que imputam à infância um tempo de brincar. Alguns exemplos podem ilustrar essa visão:

Significa aproveitar porque o adulto só vive de trabalhar (S3, Esc Pub).

Ah! Infância é brincar, ter horas livres para brincar! (S2, Esc Part).

É continuar brincando, não desperdiçar o tempo e estudar antes de ser adulto (S12, Esc Part).

Ser criança é brincar e não trabalhar assim como diz a lei! (S15, Esc Part)

É ser feliz... por exemplo é a gente brincar, se divertir. É aproveitar porque a gente é criança. Porque depois a gente vai crescer! (S24, Esc Part).

A segunda categoria mais recorrente foi brincadeiras tradicionais. As brincadeiras tradicionais (pega-pega, subir em árvores, corrida, bola, bonecas, amarelinha, pular corda e outras) contribuem para refletir uma resistência à cultura contemporânea, situada numa sociedade dita pós-moderna. Viu-se nas representações sociais objetivadas pelos sujeitos uma recuperação das brincadeiras tradicionais, numa manutenção do repertório lúdico da cultura infantil. Com as brincadeiras tradicionais, as crianças continuam expressando a riqueza de seu imaginário e sua relação com o mundo.

As falas dos sujeitos negam a razão de que as crianças não brincam como antigamente, como a priori foi previsto como hipótese de um perfil para uma “nova infância”.

Admite-se a permanência de um núcleo ativo da infância tradicional ainda constituindo a “nova infância”, vivenciada pelas crianças nas mais diversas heranças das brincadeiras tradicionais. A importância das brincadeiras tradicionais foram ilustradas nas falas dos sujeitos:

Brincar de jogar bola e de esconde-esconde e do queima! (S4, Esc Pub).

Brincar, jogar bola e empinar papagaio (S5, Esc Pub).

Esconde-esconde, pular amarelinha e correr! (S9, Esc Pub).

Pique-esconde, de trepar em árvore e de corrente (S1, Esc Part).

Jogar bola, brincar do fica e do esconde, de corrente e do pega! (S15, Esc Part).

Brincar no computador constitui-se na terceira categoria presente nas representações sociais das crianças, constituindo com isso, uma nova sociabilidade, um novo perfil da infância. O desenvolvimento tecnológico aumentou as possibilidades de espaços de brincar

do homo zappiens, dos novos sujeitos históricos constituintes da nova etapa histórica que se apresenta em fragmentos nessa pós-modernidade.

O sentido da mudança no perfil da “nova infância” está na capacidade das crianças de se adaptar à mudança das circunstâncias. Chamamos isso de aprendizagem. As crianças que brincam de polícia e bandido fazem o mesmo de simulação que as crianças que jogam no computador. Nesta categoria, ficou evidente uma distinção no perfil da infância, onde as crianças da escola pública ainda estão fortemente situadas nas brincadeiras tradicionais enquanto as da escola particular já estão muito situadas na dinâmica dos jogos no computador. Muito ainda nomearam a utilização do vídeo game de forma residual.

A seguir são apresentados alguns trechos da fala dos sujeitos a respeito das brincadeiras no computador:

Jogo no computador e às vezes faço pesquisa (S4, Esc. Part).

Ficar muito tempo curtindo um jogo no computador (S6, Esc. Part).

Jogar jogo no computador após a tarefa (S15, esc part).

Costumo jogar na lan-house jogos no computador (S25, Esc. Part).

Jogar no computador com meus primos e também estudar no computador (S27, Esc. Part).

A quarta categoria presente na fala dos sujeitos é utilizar a Internet. Aqui coincidem crianças das escolas públicas e particulares, pois o seu uso se encontra realmente disseminado na “nova infância”, apesar de que seu uso ainda é maior entre as crianças da escola particular. Utilizar a internet possibilita usar sempre o que há de mais novo e mais disponível. Elas adotam facilmente novos aplicativos que facilitam a fazer coisas que não conseguiam fazer antes. É um ambiente para se comunicar e compartilhar informações.

Sobre o uso da internet, assim os sujeitos se manifestaram:

Gosto de entrar na internet para conversar com os amigos (S6, Esc. Pub).

Ficar na internet com minhas amigas e conversar muito! (S13, Esc. Pub).

Acesso a internet, entro no MSN ou estudo na internet ou vou ver o recado de minhas amigas (S 26, esc. Part.).

Gosto de pesquisar, mexer no Orkut e no msn! (S28, Esc. Part.).

Eu costumo usar a internet, de vez em quando entrar no meu msn, mas eu fico Também estudando. (S30, Esc. Part.).

## 6. Conclusão

As entrevistas permitiram analisar as representações sociais de crianças da 5ª série (6º. Ano) do ensino fundamental acerca do perfil da “nova infância”, daquilo que constitui-se os sujeitos históricos, o homo zappiens. Os dados evidenciaram trajetórias de uma infância ainda marcada fortemente por elementos da infância tradicional, da modernidade industrial. Ou seja, uma infância ainda constituída pelas práticas da tradição de um tempo de brincadeiras e um tempo de contraposição à vida adulta.

A infância como tempo de brincar constitui-se pela interação de vários fatores presentes num movimento permanente de continuidades e rupturas, com a presença forte das brincadeiras tradicionais junto às brincadeiras praticadas no ambiente virtual dos computadores e da internet.

Se há alguma evidência sobre o desaparecimento da infância ou transformação de algumas práticas culturais típicas da infância, há que reconhecer o que é específico da infância, como sua universalidade de tempo de brincar. Notamos, no conjunto dos dados, uma construção social que relaciona a permanência de um núcleo vivo da infância, onde podemos perceber que, mesmo modificadas, as brincadeiras ainda fazem parte do imaginário e do desenvolvimento infantil, além de promoverem interações e sociabilidades na “nova infância”.

Brincando, as crianças expressam a riqueza de seu imaginário e revelam como entendem e se relacionam com o mundo atual. E é por meio das brincadeiras tradicionais, dos jogos no computador, do uso da internet, que acontece sua relação com a cultura digital, constituindo os novos sujeitos, o homo zappiens.

Se essa cultura digital materializa-se por meio dessas diversas formas, aqui nomeadas como categorias da pesquisa, entre elas a brincadeira tradicional, é fundamental possibilitar uma reflexão sobre as possibilidades de usos dessas novas formas de socialização infantil, que revelam elementos centrais do mundo das crianças e da “nova infância”.

Mesmo numa sociedade altamente dominada pela cultura digital, onde a cultura gerada pelos computadores determina cada vez mais as relações das crianças entre si, as crianças continuam brincando. Nesta pesquisa realizada com crianças sobre o repertório de suas representações sociais, nas hipóteses iniciais havia muitas expectativas em relação à formação da “nova infância”, com uma idealização de um novo perfil para as crianças, porém foram encontradas muitas surpresas, tal como a força das brincadeiras tradicionais.

Nesse contexto, esperamos que os resultados apresentados ofereça elementos que podem despertar discussões no campo da infância e da sociologia da educação, a partir da articulação da teoria das representações sociais.

## **7. Referências**

- ARIÉS, Phillippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERGER, L. Peter & LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.
- BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Loyola, 2007.

- FRANCO, Maria Laura Puglise Barbosa; NOVAES, G. T. F. **Os jovens do ensino médio e suas representações sociais**. Cadernos de Pesquisa, n. 112, p. 167-183, março de 2001.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa.; VARLOTA, Yeda Maria da Costa Lima. **As representações sociais de professores do ensino médio**. Estudos em Avaliação Educacional. São Paulo, v. 15, n. 30, jul./dez. 2004.
- FRIDMAN, Luis Carlos. **Vertigens Pós-Modernas: configurações institucionais contemporâneas**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.
- GURSKI, Roselene & DALPIAZ, Sonia & VERDI, Marcelo Spalding (Orgs.). **Cenas da Infância Atual: a família, a escola ea clínica**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.
- HANDEFAS, Anita & OLIVEIRA, Luiz Fernandes de (Orgs.). **A Sociologia vai à Escola**. Rio de Janeiro: Quartet/Faperj, 2009.
- JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- LEVIN, Esteban. **Rumo a uma Infância Virtual? A imagem corporal sem corpo**. Petrópolis: Vozes, 2007. Blumenau: Edifurb, 2009.
- KOHAN, Walter O. **Infância**. Entre Educação e Filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- MADEIRA, Margot Campos. Representações Sociais: pressupostos e implicações. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.72, p. 145-161, mai./ago. 1991.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1978.
- NOVAES, Adauto (Org.). **O Homem-Máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1999.
- RÜDIGER, Francisco. **Cibercultura e Pós-Humanismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- SIBILIA, Paula. **O Homem Pós-Orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- SILVA, Neide de Melo Aguiar. **Representações Sociais em Educação: determinantes teóricos e pesquisas**. Blumenau: Edifurb, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

VEEN, Win & VRAKING, Bem. **Homo Zappiens**: educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2009.